

A França aos olhos de Eça (e de um cão)

Rosana Apolonia Harmuch

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Resumo: Autor de grande influência no Brasil, Eça de Queiroz enfrentou ao longo de toda a sua carreira literária a influência da cultura francesa, considerada, no século XIX, hegemônica. Detenho-me, aqui, em dois textos em que as relações entre a obra de Eça e a cultura francesa tomam o centro da discussão: *A Inglaterra e a França julgadas por um inglês* e *O francesismo*.

Palavras-chave: Eça de Queiroz; dependência cultural; Portugal; França

Abstract: Author of great influence in Brazil, Eça de Queiroz has suffered throughout his literary career the influence of French culture, considered hegemonic in the nineteenth century. I refer in this article two texts in which the relations between the work of Eça and French culture are closely identified: *A França e a Inglaterra julgadas por um inglês* and *O francesismo*.

Keywords: Eça de Queiroz; Cultural dependency; Portugal; France

Eça de Queiroz enfrentou – desde sempre, poderíamos dizer – em sua carreira literária, o dilema de uma suposta dependência em relação à França (*O crime do padre Amaro* e *O primo Basílio* foram, logo após a publicação, identificados como plágios, respectivamente, de *La faute de l'abbé Mouret*, de Émile Zola e *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert), questão hoje esclarecida e superada. O chamado francesismo foi tema de vários dos escritos do autor, inclusive de um que recebe justamente esse nome, assim como ‘*A Inglaterra e a França julgadas por um inglês*’, alvos de meu interesse aqui, e uma das cartas da *Correspondência inédita de Fradique Mendes*. Nesses três

textos, em especial, Eça discute as difíceis, mas inevitáveis relações entre uma cultura considerada hegemônica, a francesa, e outra, vista como dependente, a portuguesa.

No Brasil, Eça de Queiroz e França foram quase quemaniãs nacionais no século XIX. Para uma rápida, mas contundente percepção do alcance de Eça, basta uma releitura do texto ‘Eça e Queiroz, passado e presente’, de Antonio Candido, em que se mesclam considerações efetivas sobre a obra do autor português a reveladoras e divertidas confissões a respeito da enorme influência da obra eciana no cotidiano brasileiro dos anos 30 e posteriores. A presença de Eça no Brasil se institui praticamente ao mesmo tempo que em Portugal, como afirma Carlos Reis:

Num tempo em que (ressalvadas as diferenças, como é óbvio) era intensa a presença da literatura portuguesa no Brasil, Eça de Queiroz tirou partido da sua popularidade brasileira, fazendo publicar as suas obras em simultâneo (ou quase) dos dois lados do Atlântico. (...) Compreende-se que tenham sido multidão os leitores de Eça. Não nos referimos agora àqueles que, no final do passado século (em 1893), votavam nada menos do que três títulos de Eça (*Os Maias* à cabeça; *O primo Basílio* e *A relíquia*) no elenco dos “seis melhores romances escritos em língua portuguesa”, assim respondendo ao “plebiscito literário” levado a cabo pela revista carioca *A Semana*, referimo-nos à verdadeira legião de estudiosos que, desde há muito tempo, em registros, níveis de profundidade e com propósitos muito diversos, elegeram Eça de Queiroz e as suas obras como motivo de análise e reflexão. Alguns nomes: Viana Moog, José Maria Belo, Álvaro Lins, Djacir Meneses, Manuel Bandeira, Lúcia Miguel Pereira, Albano Pereira Catton, Joaquim Costa, Clóvia Ramalheite, Paulo Cavalcanti, Heitor Lira, Arnaldo Faro, Luís Viana Filho, Dário Castro Alves, Perry Vidal, Elza Mine e Beatriz Berrini (REIS,2000, p.25-27)

Dimensionar a presença e a importância de Eça no Brasil é tarefa bastante difícil, embora tenha sido esse o empenho de muitos estudiosos que o escolheram como seu foco central. Não é neste momento o meu interesse principal, mas, para finalizar essa justificativa de escolha, tanto de Eça quanto dos textos aosquais aqui me dedico, refiro-me a Gilberto Freire e sua publicação de 1959, *Ordem e progresso*, para a qual ele distribuiu nos anos de 1930 um questionário entre pessoas que tivessem nascido pouco antes ou pouco depois da proclamação da República. As perguntas eram sobre diversos hábitos, incluindo as leituras dessas pessoas e o destaque ficou para Eça de Queiroz. Mais importante que isso, Gilberto Freire incluiu Eça entre os que contribuíram para a unidade intelectual do Brasil:

Eça de Queiroz, continuaremos a ver que foi tanto como Alencar e Bilac

uma dessas preferências nacionais que, em sua extensão e sua significação, concorreram para unificar a aristocracia intelectual do Brasil em torno dos mesmos cultos ou de iguais devoções; e, sob este aspecto, semelhantes a devoções ou cultos de caráter popular ou folclórico como os que, desde os dias coloniais, vinham unificando brasileiros de várias regiões ou Províncias, em torno de Santo Antônio de Lisboa, de São João, de São Pedro, de Sant'Ana, de Nossa Senhora, do Menino Jesus (...). Eça foi para a mocidade intelectual brasileira da época aqui considerada uma espécie de anti-Rui, ou de antiorador, trazendo até nós e contra um dos mais altos valores luso-brasileiros de então e de sempre o seu anticonselheirismo e o seu horror à eloquência parlamentar (FREIRE, *apud* CANDIDO, 2000, p.11).

Eça foi e permanece sendo, portanto, uma força bastante poderosa, inclusive nas suas relações com a França. Pensemos, por exemplo, em texto bem mais recente que o de Gilberto Freire: em 1978, Silviano Santiago publicou *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*, no qual está um artigo sintomaticamente intitulado 'Eça, autor de Madame Bovary'. Ao associar seu texto ao conto de Borges, 'Pierre Menard, autor de *del Quijote*', Santiago coloca Eça entre aqueles que fazem uso, conscientemente, da tradição que os antecede, fazem o que ele chamou "*de escolha consciente diante de cada bifurcação e não mero produto do acaso da invenção*" (2000, p.50). Desse modo, é na transgressão do modelo que reside, em boa parte, o valor da obra no calor da hora muitas vezes mal vista. Ao, corajosamente, retomar *Madame Bovary*, *O primo Basílio* se institui, também como um texto de crítica literária, na medida em que impõe a comparação, obriga o leitor à percepção de que as diferenças se dão, sobretudo, na constituição geral do romance, o que explica o esforço de Silviano Santiago em nos mostrar a importância assumida pelo personagem Ernestinho Ledesma nesse romance de Eça.

Assim como no caso de *O primo Basílio*, aqui se pretende demonstrar que é uma própria arquitetura dos textos e os que se instauram formas de transgressão, sobretudo se se considera a literatura como uma prática que, implicitamente, é sempre uma reflexão sobre a própria literatura.

Para falar, então, sobre a Inglaterra e a França vistas por um cão inglês em visita a Paris, que escreve uma carta para sua amiga Pussy, uma gata também inglesa, ambos personagens de um texto escrito por um português, começo com as palavras de um brasileiro. Nada mais cosmopolita. O brasileiro é Eduardo Prado, e refiro-me ao texto escrito em homenagem a Eça de Queiroz, publicado na *Revista Moderna*, editada em Paris pelo também brasileiro Martinho de Arruda Botelho, em seu número 10, de

A França
aos olhos
de Eça
(e de um cão)

171

20 de novembro de 1897¹. Nesse longo depoimento sobre o escritor, mas também sobre o amigo Eça de Queiroz, Eduardo Prado o insere numa geração afrancesada, assim justificando a postura, muitas vezes entusiástica, do jovem Eça em relação à França. Essa geração não sabia quem governava Portugal, mas acompanhava com real interesse as mudanças políticas ocorridas em Paris; esquecera, por exemplo, com facilidade, os estragos napoleônicos causados a vários monumentos portugueses. Diz Eduardo Prado “Tudo fora perdoado, tudo esquecido. Por virtude cristã? Não: por um entorpecimento aparente e invencível da fibra patriótica, por um fenômeno talvez único: o de um povo que se **desnacionalizava**” (2000, p.56, grifo meu). Fica evidente um certo exagero nessas palavras, se lembrarmos que esse afrancesamento atingiu muitos outros países, inclusive o Brasil, já que por muito tempo Europa e França foram tomadas como sinônimos: “À exceção da Inglaterra, lembra Eduardo Lourenço, todas as grandes culturas europeias e depois as não europeias ‘mediram sempre, até tempos recentes, aquilo que era europeu – em sentido positivo ou negativo – através da mediação explícita do modelo francês’” (MINÉ, 2000, p.49).

Ainda para Eduardo Prado, essa hegemonia francesa só sofrerá uma queda significativa com a guerra franco-prussiana, mas aí Eça de Queiroz não estará mais em Portugal para participar desse renascimento do nacionalismo, que aliás não atingiu apenas os portugueses. Desprovido de modelo, já que a Inglaterra, grande potência, não poderia se oferecer como tal, dadas as permanentes alianças em que, invariavelmente, os portugueses se viam mais e mais endividados (sem contar o ressentimento em relação ao domínio marítimo exercido pelos ingleses, território primeiramente conquistado pelos lusitanos), não restou a Portugal senão voltar-se para si mesmo. Com Eça, o processo se deu de outro modo:

A influência inglesa sobre Eça de Queiroz contribuiu apenas para desfrancesar o português. Ficou perto da França e viu-a, durante longos anos, através da vida inglesa; e viu-a, a poucas horas de distância, justamente nesta terceira república em que a estatura dos homens, tão grandes outrora, vistos de Portugal, decrescia rápida e deploravelmente (MINÉ, 2000, p.60).

Os dois textos foram escritos durante essa longa estada de Eça na Inglaterra. Segundo Eduardo Prado, eles já estão contaminados por essa meia

1 O texto está publicado no volume *Ecoss do Brasil: Eça de Queiroz, leituras brasileiras e portuguesas*, organizado por Benjamin Abdala Junior, na página 54.

distância da França. Não tão longe para continuar a idealizá-la, nem tão perto que lhe permitisse turvar excessivamente o olhar. O primeiro deles, *A Inglaterra e a França julgadas por um inglês*, foi publicado em 1884, no terceiro número de *A Ilustração: Revista de Portugal e do Brasil*, editada em Paris até 20 de outubro de 1890, e, em Lisboa, apenas na fase terminal (o último número é de 1 de janeiro de 1892)². O segundo, *O francesismo*, foi encontrado entre os papéis do escritor e publicado postumamente nas *Últimas páginas*. Segundo o professor Guerra da Cal, esse texto teria sido escrito em 1887³.

O critério de escolha se deve ao fato de que são dois textos que, ao que tudo indica, foram escritos com uma pequena diferença de tempo entre si, mais ou menos três anos, o que nos permite procurar aproximações (ou não) no modo de pensar a influência francesa. Mas, mais importante que esse critério cronológico, os dois textos problematizam a tantas vezes tênue diferença entre o ficcional e o não-ficcional.

O primeiro é chamado, pela professora Elza Miné, de crônica, mas ela mesma chama a atenção para o fato de que “a crônica, **sempre uma escrita do tempo**, tendo historicamente nascido naquele espaço geográfico do jornal, **pode ser quase tudo**: desde focalizar aquele *flash* da atualidade, ou desenhar um perfil político [...]” (MINÉ, 2000, p.197, sem grifos no original). Assim, híbrida por natureza, a crônica está sempre à beira do abismo, inclusive nessa definição, já que, para além dessa gama de possibilidades, textos como *A Inglaterra e a França julgadas por um cão inglês* instauram um certo desconforto, sobretudo com relação à expressão “sempre uma escrita do tempo”. As estratégias, claramente ficcionais, usadas por Eça nesse texto, também por isso tão sedutor, garantem-lhe, sem dúvida, transcendência temporal. E, mais uma vez, nos colocam diante de um escritor que não abriu mão jamais da crença nas funções e deveres da imprensa e igualmente da literatura para colaborar com o estabelecimento de um nível ao menos razoável de reflexão sobre a sociedade que o cercava.

Do mesmo modo, *O francesismo* também está na fronteira, pois, além do caráter claramente autobiográfico, esse texto, colocado como ‘artigo’ na edição da *Obra completa* do autor, é citado muitas vezes como sendo um ‘ensaio’⁴. Texto limítrofe, já que, ao mesmo tempo em que assume um

2 Esse texto foi incluído por Luiz Magalhães nas *Notas contemporâneas*. A edição de que me utilizei está no volume três da *Obra completa* do autor, organizada pela professora Beatriz Berrini, na página 1662.

3 A edição de que me utilizei também está no volume três da *Obra completa* do autor, organizada pela professora Beatriz Berrini, na página 2109.

4 No *Dicionário de Eça de Queiroz*, organizado por A. Campos Matos, o verbete ‘O francesismo’

caráter opinativo e que por ser assinado, potencializa sua credibilidade, pertence a um gênero considerado menor por muito tempo na Europa, desde o século XVIII. Por um lado, não era considerado literatura porque nele predominavam opiniões; por outro, não era tido como científico por dar preferência a temas polêmicos, portanto pouco dados a conclusões definitivas, e por utilizar o recurso da imaginação, da ficção, para inventar cenas, pequenas histórias, personagens, para ilustrar ou justificar opiniões ali reveladas. Como se vê, o terreno é fertilmente pantanoso.

Ainda em relação ao gênero 'ensaio', embora se referindo ao contexto latino-americano, creio ser conveniente citar as palavras de Ilan Stavans:

De fato, a palavra ensaio vem do francês 'essayer', que significa 'tentar, experimentar', e do latim 'exagium', 'meditar, pensar'. Assim como o romance e o conto, o ensaio é livre, ambicioso e parece satisfazer muitas necessidades ao mesmo tempo: entretém, esclarece, ofusca, confessa, lamenta (STAVANS, 1997, p.26).

Ao criar um espaço intermediário entre a ficção e a teoria, o autor se deixa envolver e se ficcionaliza, não é mais apenas o cidadão com existência empírica, neste caso José Maria Eça de Queiroz, que se exterioriza: ele se torna personagem e o jogo fica ainda mais interessante.

Esclarecidos os critérios, vamos aos textos. No primeiro, usando uma estratégia muito comum no século XIX, o narrador diz ter encontrado, entre seus papéis, uma carta. A relativa novidade é que ela foi escrita por um cão, D. José, à gata Pussy (ambos pertencentes ao narrador), contando as impressões causadas pela França durante visita àquele país. É relevante dizer que apenas os animais são nomeados ao longo do texto, e que o nome atribuído ao cão não apenas o aproxima dos humanos, como lhe garante respeitabilidade, afinal ele é 'dom'⁵. O narrador nos apresenta a situação em que o texto foi produzido, historia a origem da raça a que pertence D. José (*pug* para os ingleses, para os franceses, *carlin*), e só então passa a palavra a D. José. Não sem antes nos advertir:

O pug é hoje, pois, um cão exclusivamente inglês, desprendido da sua pátria

(de autoria do organizador) inicia-se assim "*Ensaio de grande interesse biográfico e literário que faz parte da obra póstuma*" (p. 442, grifo meu).

5 Animais falantes não era exatamente uma novidade na obra do autor. Em 1867, em *As farpas*, Eça já havia publicado 'O milhafre', em que um pássaro (um milhafre) conversa com um homem. O verbete *Animais*, de autoria de Orlando Grosseguesse, no *Dicionário de Eça de Queiroz* (já referido), página 86, apresenta um considerável mapeamento da presença dos animais na obra de Eça e mesmo em outras literaturas.

francesa, podendo simpatizar com ela ou detestá-la **segundo uma impressão pessoal**, sem que na sua clara razão atuem ou influências de origem, ou recordações sentimentais (QUEIROZ, p.1663, grifo meu).

A responsabilidade sobre o que será dito sobre a França e sobre a Inglaterra, portanto, é exclusiva do cão D. José, reforçada pela afirmação:

aqui a transcrevo, com as suas incorreções, os bruscos resumos, as generalizações excessivas, em que se sente o animal que pensa por grosso sem nossas distinções esmiuçadoras, a delicadeza crítica de nossas meias-tintas (QUEIROZ, p.1664).

Ao historiar a origem do *pug*, o narrador nos revela que a raça, de origem italiana, foi introduzida na França por um cardeal. A partir daí, sua trajetória esteve sempre ligada à história da França, foi o cão favorito da Monarquia “pesado, obeso, pacato, cerimonioso, era realmente o cão que convinha agora à França centralizada e unificada sob a autoridade real” (QUEIROZ, p.1662). Com a revolução, o *carlin/pug* vai para a Inglaterra com a aristocracia emigrada e adapta-se facilmente porque, segundo o narrador, encontrou “enfim uma terra em que o povo se não considera feito do mesmo osso que a nobreza [...], e fixa-se confortavelmente [...] ao abrigo da democracia e da blague” (QUEIROZ, p.1663).

Claramente fascinado, D. José vai enumerando os elementos que considera marcantes da superioridade francesa e todos eles têm em comum o fato de que os olhos desse cão são os de um turista, ou seja, há uma oposição de acesso em seu olhar. O convívio diário com a Inglaterra evidentemente lhe deu condições de conhecê-la em muito maior profundidade, daí porque os aspectos que ele valoriza na França são superficiais. Dos ingleses, ele conhece as mesquinhas do cotidiano, as hipocrisias cometidas a portas fechadas, em relação à religião, à família, ao trabalho, à vida enfim. O clima (especialmente a ausência de neveiro), a variedade de raças e de cães, de modos de vestir, de decorar os ambientes, a cozinha, o tratamento mais informal, são alguns dos elementos que seduzem o cão missivista. Num pequeno escorregão, D. José nos deixa antever que ali, na encantadora França, esse modo de ser poderia não passar de encenação, mas mesmo assim, prefere fazer de conta que nem sequer desconfia:

Talvez as outras (as inglesas), com o seu seco e correto ‘Goodmorning’, sejam mais sinceras e mais profundas do que estas com os seus ‘lou-lous’ e os seus ‘chérés’. Não importa: para mim vale mais uma beijoca que eu gozo logo no focinho, do que uma grave simpatia d’alma que fica escondida dentro dos espartilhos do colete (QUEIROZ, p.1666).

*A França
aos olhos
de Eça
(e de um cão)*

175

Ao se referir às cadelas francesas, D. José mais uma vez escorrega, agora com menos evidência, mas não deixa de ser revelador: “E as cadelas, Pussy! Ai, as cadelas... Que graça, que gosto, que finura, que ar leve e vibrante, que tom irresistível de ladrar, que ‘pshutt’ no farejar!”(QUEIROZ, p.1666). Se considerarmos que a expressão *pshutt* significa pretensão de elegância que se manifesta de forma aparatosa, D. José e suas impressões vão se mostrando pouco confiáveis.

Para colaborar com a imagem negativa que tenta construir da Inglaterra, D. José cita algumas frases absurdas ditas por um correspondente inglês, que se assina *Um amigo da imparcialidade*, encarregado de enviar textos para o *Times*, sobre política e moral. Cito algumas dessas pérolas acacias: “Sempre que o homem está ao sol e que este não o incomoda, experimenta, tanto moralmente como fisicamente, uma satisfação maior do que quando está à chuva” (p.1664). Ou então: “Quando as coisas se parecem absolutamente umas com as outras, começa a deixar de haver variedade” (QUEIROZ, p.1665). Ressalto que os ditos do correspondente são apresentados de modo ambíguo, já que antecidos de adjetivos muito positivos, o que acaba por não nos revelar se D. José o cita como exemplo do que considera a mediocridade inglesa, ou se realmente o leva a sério, sugerindo que os bons ares franceses lhe teriam facilitado a reflexão.

Para concluir o texto, o narrador retoma a palavra, ao dizer que D. José interrompeu a carta por ter percebido a presença dele. E, apesar de discordar de muitas ‘impressões’ de seu cão, percebe nele o que considera um traço marcante dos ingleses: a tendência à generalização, sobretudo da imprensa. É a ela que dirigirá a ironia maior do texto, ao afirmar que os adjetivos atribuídos ao colaborador do *Times* são muito acanhados; serviriam, por exemplo, a Aristóteles, mas, para alguém como *O amigo da imparcialidade*, era muito pouco.

Em *O francesismo*, estamos mais próximos do Eça tão evidente na *Correspondência de Fradique Mendes*. No *Memórias e notas*, texto que introduz a *Correspondência*, o narrador não nomeado afirma que Fradique se irritava sempre que chegava à capital portuguesa porque “Lisboa é uma cidade traduzida do francês em calão”. Essa é uma ideia recorrente em toda a *Correspondência*, e *O francesismo* começa justamente assim:

Há já longos anos que eu lancei esta fórmula: – Portugal é um país traduzido do francês em vernáculo. A segura, a impaciência, com que ela foi acolhida, provou-me irrecusavelmente que a minha fórmula era sutil, exata, e se colava à realidade como uma pelica. E para lhe manter a superioridade

preciosa da exatidão, fui bem depressa forçado a alterá-la, de acordo com a observação e a experiência. E de novo a lancei assim aperfeiçoada: **Portugal é um país traduzido do francês em calão**. E dessa vez a minha fórmula foi acolhida com rebuliço [...] (QUEIROZ, p.2107, grifos meus).

Como se vê, entre um texto e outro a diferença é apenas de gradação e Eça inicia assim sua longa resposta aos críticos que o consideravam ‘afrancesado’, ou seja, tal qual Eduardo Prado reforçará mais tarde, ele se insere numa sociedade ‘francesa’, que o educou para ‘ser’ quase um francês. Cita detalhes de sua infância, adolescência e dos tempos de faculdade, tempos absolutamente dominados pela cultura francesa. O quadro que descreve é labiríntico, só alguns poucos seres superiores escapariam, poderiam ter uma voz dissonante, como é o caso de Antero de Quental:

Há dois ou três anos, esse colossal blagueador e cabotino chamado Richepin, publicou um livro, ‘*Les blasphèmes*’, em que se propunha simplesmente a acabar de vez, por meio de algumas rimas brilhantes, com o sentimento religioso da humanidade, descrevendo obscenamente a afeição íntima de seu pai e de sua mãe. Era em casa de Oliveira Martins, e todos achamos imensamente divertida esta nova forma de respeito filial. Antero de Quental, porém, não ria – isto para nós é grave – disse ele. – Porque amanhã vão aparecer por aí, por todos esses jornais, estrofes de poetas novos, começando assim: Meu pai era ladrão, minha mãe meretriz! (QUEIROZ, p.2115).

Uma das cartas mais instigantes de Fradique Mendes é justamente endereçada a Eça e nela a criatura sugere a seu criador dar menos importância às críticas sofridas pela influência da língua francesa em seus escritos, justamente porque até os mesmos críticos se utilizavam de galicismos para outros galicismos, todos, portanto, vítimas da cultura hegemônica.

Depois das justificativas de caráter mais pessoal, o texto ganha em profundidade, porque passa a discutir, muito seriamente, a literatura produzida na França: “É tempo, pois, de considerar se nos convém a literatura da França – a nós, parasitas, que em questões de literatura e de tudo, vamos comer às casas alheias” (QUEIROZ, p.2118), na tentativa de provar que ela estava decadente.

No romance em especial “temos mais que em nenhuma outra a banalidade e a extravagância, instintivamente usadas para os dois grandes fins, os dois grandes objetos de todo esforço parisiense – ganhar dinheiro e espantar a galeria, o gozo ou o gloriolo” (QUEIROZ, p.2118) e aqueles que com “os seus métodos de psicologia, duma psicologia que cheira bem [...] e tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num esti-

lo que todo o mundo tem” (QUEIROZ, p.2119). Impressiona sobremaneira a atualidade dessas observações, agora não mais, feliz ou infelizmente, resritas ao contexto francês. A poesia também não escapa a sua ácida crítica. Para Eça, (assim como Fradique também dirá):

Os franceses nunca foram poetas, e a expressão natural do gênio francês é a prosa. Sem profunda, religiosa, ardente emoção, não há poesia; e a França não se comove, permanecendo sempre num razoável equilíbrio de sentimento e de razão, bem senhora da sua clara inteligência (QUEIROZ, 2119).

Rosana
Apolonia
Harmuch

178

Mais uma vez o elogio irá para Antero, único que ele conhece e reconhece como capaz de unir poesia e filosofia, ou seja, fazer com que a racionalidade que ele vê como defeito na poesia francesa seja usada com grande proveito.

A tematização da própria literatura, tão clara nesse texto, não é novidade; ao contrário, é constante na obra de Eça. É claro que em ‘O francesismo’, como estamos diante de um texto opinativo, isso se revela de modo muito transparente, mas mesmo em construções em que a opção pelo ficcional é mais evidente, podemos encontrá-la. Ernestinho Ledesma (*O primo Basílio*), Tomás de Alencar (*Os Maias*), Artur (*A capital!*), Gonçalo (*A ilustre casa de Ramires*), Zagalo (*O conde d’Abranhos*) são alguns dos ‘escritores’ criados por Eça, envolvidos com os dilemas da criação. Não exatamente do mesmo modo, já que os objetivos são diferentes, temos também D. José, empenhado em convencer a amiga Pussy da superioridade francesa. Mas mesmo de forma indireta esse assunto é recorrente: podemos pensar na relação ambígua que Jacinto tem com sua biblioteca, nas leituras ‘perniciosas’ de Amélia e de Luísa. Mas é na *Correspondência de Fradique Mendes*, incluindo a chamada *Correspondência inédita*, que vamos encontrar o que creio ser possível chamar de pequenos ensaios de crítica literária.

Operando de maneiras tão distintas como no romance, conto, crônica, ensaio ou seja qual for o gênero escolhido, usando um recurso tão pouco afeito ao ideário do Realismo, como faz ao dar voz a um animal ou sem dar muito espaço para sua peculiar ironia como faz em *O francesismo*, Eça nos oferece uma visão inteligente e sensata, mesmo quando isso se dá aos olhos de um cão. Apesar de não ser possível falar em evolução, sem dúvida podemos nos referir a mudanças várias ao longo de sua produção. Talvez a palavra amadurecimento seja mais adequada, já que há alguns elementos perenes na trajetória do autor, como, por exemplo, o bom humor e um permanente exercício de contemplar, observar, para em seguida valorar, criticar, justamente por acreditar ser possível a existência de algo melhor.

Os dois textos aqui abordados servem concretamente para justificar essas afirmações. Se no primeiro a França aparece como superior, no segundo temos justamente uma reflexão sobre o quanto essa 'superioridade' chegou a ser desvantajosa. Se fosse o caso aqui, poderíamos pensar em *O Egito*, texto em que Eça reflete sobre a excessiva influência inglesa sobre outras nações (incluindo o poderio bélico), ou seja, não há posições permanentes em relação ao mundo lá fora, há sim fidelidade aos próprios princípios.

Recebido em 30 de outubro de 2009 / Aprovado em 8 de novembro de 2009

*A França
aos olhos
de Eça
(e de um cão)*

179

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. Eça de Queiroz, passado e presente. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org.). *Eça de Queiroz, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p.11-22.

MATOS, A. Campos (org.). *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 1993.

Rosana
Apolonia
Harmuch

MATOS, A. Campos (org.). *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Caminho, 2000.

MINÉ, Elza. *Páginas flutuantes*. Eça de Queiroz e o jornalismo no século XIX. Cotia-São Paulo, 2000.

180

MONTAIGNE, Michel. *Ensaio*. Tradução de Sérgio Milliet. Coleção Os pensadores, volume XI. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PRADO, Eduardo. Eça de Queiroz. O passado – o presente. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org.). *Eça de Queiroz, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p.54-63.

QUEIROZ, Eça de. *Obra completa*. Organização geral, Introdução, Fixação dos textos autógrafos e Notas introdutórias: Beatriz Berrini. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

REIS, Carlos. Leitores brasileiros de Eça de Queiroz: algumas reflexões. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org.). *Eça de Queiroz, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p.23-37.

SANTIAGO, Silviano. Eça, autor de *madame Bovary*. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p.47-65.

STAVANS, Ilan. *Iluminismo latino-americano*. Tradução de Jayme A. da Costa Pinto Júnior. Revista Cult número 4, 1997, p.24-27.